Ano 25.º — Sábado, 1 de Outubro de 1932 — N.º 1245

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Corações ao alto!

—o—

Está elaborado o programa para as festas em honra do sr. Presidente da República e dos ministros que no dia 15 chegam a esta cidade com o fim de inaugurarem oficialmente as obras do porto, velha aspiração dos aveirenses que, se não fôra a Ditadura Nacional, jámais veriam realisada. E' que os partidos não tinham tempo para tratar de *coisas fúteis*, de *somenos importância*, e de aí o cáos, a desordem, a narquia que não deixava a República prestigiar-se por obras de fomento que lhe trouxessem as simpatias do país.

Que é preciso agora? Que Aveiro, que a região se prepare para, em unisono, aclamar os ilustres hospedes, significar-lhes por essa forma e com o maior entusiasmo todo o seu reconhecimento por terem vindo ao encontro dos seus desejos, transformando-os em realidade.

Temos a certesa de que, na hora própria, ninguem faltará a cumprir o dever imperioso da gratidão. Aveiro é uma cidade hospitaleira e o seu povo distinguiu se sempre pela maneira acolhedora com que recebe principalmente aqueles qne lhe trazem benefícios.

Preparemo-nos, pois, para o grande dia. E deante do sr. Presidente da República e do govêrno mostremos—peito aberto aos olhos de todos—como sabemos ser agredecidos a quem, sem intuitos reservados e apenas no louvável desejo de concorrer para o engrandecimento do velho Portugal, está trabalhando com afinco para o elevar, preparando-lhe um futuro prospero e desafogado.

5 de Outubro

=o=

No dia do aniversário da proclamação da República, que passa na quarta-feira, o *Democrata* distribuirá pelos pobres, seus protegidos, a quantia de 270$00 proveniente das dádivas de alguns benfeitores.

A salvação

—x—

«Quando já não houver solução no campo legal, quando já não houver meios de resistir dentro das leis--porque é que não havemos, realmente, de apelar para o exercito?

Não será o exercito o último recurso?

Não virá de exercito a Salvação?»

Estas palavras escritas em setembro de 1923 pelo sr. Ribeiro de Carvalho, que querem dizer? Simplesmente que o sr. Ribeiro de Carvalho, para derribar os democráticos, não hesitava, então, apelar para o Exercito. Mas como o Exercito salvou o país sem a colaboração do sr. Carvalho, eis explicado o motivo que levou o patriota a mancomunar-se com o *partido dos escandalos*, segundo a sua frase, para fins que... facilmente se compreendem.

Mas estão verdes...

Feira das cebôlas

—o—

No Largo do Rossio efectuou-se no principio da semana êste mercado anual, que meteu também alhos, como de costume.

A-pesar-da abundância não se venderam barato, ouvimos.

Francisco Vieira da Costa

A notícia da sua morte, em Luanda, consternou todos quantos o conheciam de perto

Ao pegarmos, de novo, na pena para dizermos sôbre o amigo que acabâmos de perder aquilo a que tem direito a sua eterna memória, confessâmos a nossa fraquêsa: é ainda vergados ao pêso duma dôr intensa, profunda e com os olhos rasos de lágrimas, que o fazemos. E' que dentre os amigos velhos e queridos de quem a morte nos tem separado, o Chico, ocupava um dos primeiros lugares da frente, um lugar privilegiado.

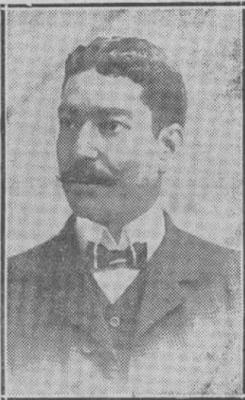
Aveirense de nascimento, filho de pais pobres — o que não é deshonra para ninguém — Francisco Vieira da Costa cêdo começou a saber o que era a vida pelo trabalho. Foi primeiro empregado nos caminhos de ferro; mas sentindo-se com aptidões para mais, a brève trecho ei-lo de abalada, indo procurar na Africa aquêles recursos que, no continente, tanto custam a adquirir, mas que mercê do seu temperamento, da sua actividade e honesta conduta, num praso relativamente curto, conseguiu alcançar.

Esteve primeiro em S. Tomé (1898), passando depois para Luanda onde foi comerciante, onde se tornou conhecido e se elevou. Lá constituiu família. E grangeando simpatías em toda a provincia, Vieira da Costa, com o nome já feito e sócio da firma *Gabriel de Oliveira & Costa* não teve, a bem dizer, dificuldades a impedirem-lhe a passagem para diante, chegando a vencer. Mas — o que são os vai-vens da sorte! — ao cabo de muitos anos de labôr, incessante, contínuo, quási ininterrupto, uma nova emprêsa se lhe deparou — as Minas do Bembe.

A sua exploração porém, demandava de capital. Vieira da Costa tinha vindo á metrópole retemperar-se e fazia os preparativos para voltar a Luanda quando, na sua casa de Lisboa, se dá a explosão dum candieiro da qual saem feridos a esposa e quatro filhos, um dos quais veio a falecer. Foi isto em 7 de novembro de 1923.

O que êle sofreu então!

De aí a mêses embarcou. E as Minas do Bembe, absorvendo-o por completo, passaram a ser a única preocupação do seu espírito no último período duma existência abalada não só pelo terrível desastre de que os seus fôram vítimas, mas também pelos efeitos do clima que há um quarto de século--vinte cinco anos! — vinha suportando. Para elas canalisou, àlém da energia que ainda lhe restava, todas as suas economias, todo o seu dinheiro, todos os seus valores, chegando a viver com dificuldades.

Fôram nove anos de luta ingente, titânica, cheia de imprevistos, de comoções, de incertezas. Até que um dia

FRANCISCO VIEIRA DA COSTA

chegou e Vieira da Costa, o nosso querido Chico, descortinou no horizonte e no meio das suas atribulações, um ponto luminoso a despontar como uma aurora de esperança.

O alívio que êle sentiu!

A alegria que para êle foi essa indicação de melhores dias que via aproximarem-se!

Poderá tudo ser avaliado por esta carta que logo nos escreveu:

Luanda, 25 de março de 1932

Meu caro Arnaldo

Cá me tens hoje para saber da tua saúde, da da tua santa Maria e da de teus filhos, que muito desejâmos, eu e a Violeta, seja ótima. A nossa, do corpo, regular, mas a do espirito sensivelmente bôa e já te direi porquê.

Tenho como terminada a fase má da tragédia que tem sido as Minas do Bembe, entrando afoitamente e prometedoramente no capitulo das compensações, se é possivel haver compensação para tanto sofrimento, que quási me ia aniquilando. Não posso fàcilmente fazer-te a história de tão grande odisseia, mas isso não deve importar-te sobremaneira; bastar-te-há, talvez, conhecer os resultados verificados.

Estamos, finalmente, em contacto com um mar de cobre! Quer dizer: em contacto com a nossa salvação. Não podemos saber as quantidades existentes, mas tudo indica que deve ser o suficiente para que eu torne a ter a esperança de te abraçar e dentro dum praso relativamente curto.

Contra a presunção de todos, até de nós mesmo, acabâmos de fazer o embarque de 78 toneladas e contâmos fazer novo embarque no próximo mês de 200 a 250, seguindo-se os demais sempre progressivamente, calculando fechar o ano corrente com o embarque mensal de 1000 toneladas.

A-pesar de termos pela prôa uma baixa sensivel da sua cotação, foi precisamente ela que nos serviu de base para os nossos cálculos e, assim, temos quási a certeza de que os resultados da nossa exploração serão alguma coisa que se veja. Mas essa percentagem será ainda melhorada logo que tenhâmos a funcionar as máquinas para lavagem do minério o que deverá suceder no próximo mês de julho. Agora obtemos já 55 % de cobre no minério que estamos extraindo, contando elevá-la a 70 % apenas se substitua o método usado por outro mais moderno.

Não pódes calcular como o meu estado moral se modificou desde que encontrâmos o cobre procurado e que nos levou o melhor de 6.000 contos!

Aqui tens, pois, a justificação do meu alvoroço, vindo junto de ti trazer-te a novidade.

E' para mim tudo isto ainda um sonho como sonho é a minha existência. Estou convencido de que só eu e os meus sócios seriamos capazes de resistir a tanto; mas a verdade é que cá estamos e devemos o êxito á nossa perseverança e fé no Destino.

Eis, meu caro Arnaldo, a causa porque hoje venho ter contigo e porque o faço tão apressadamente. Fôste e és sempre aquêle grande amigo, que não é fácil encontrar-se pela vida fóra, jàmais quando a adversidade nos bate á porta e por isso és tu dos primeiros a conhecer da modificação que se operou na minha vida. Desapareceram os motivos porque me tenho recolhido a um silêncio que tu bem compreendes, mas prometo-te que, de futuro, te darei noticias mais freqüentes e julgo que serão sempre — oxalá — nêste tom.

Com a maior satisfação te envio um apertado abraço. Diz-me como vais e os teus porque cá em casa jàmais vos esquecemos.

Um chi do coração do

Teu velho e certo amigo
muito grato

CHICO

A alegria com que recebemos esta carta comunicámo-la imediatamente, dizendo para Luanda quanta satisfação sentimos ao lê-la. Mas de lá é que nunca mais veio uma linha, dando-nos, por último, um rádio, a notícia da queda do gigante em luta!

Perdemos, pois, mais um dos nossos melhores amigos, que deixa em Angola um nome aureolado, sendo digno de melhor sorte.

Com Francisco Vieira da Costa, de raros predicados, desaparece também um bom filho, um bom marido e um bom pai. Incansável trabalhador, de probidade inconcussa, lhano, afável, acolhedor, não exagerâmos afirmando que muito honrou o nome de Aveiro em toda a parte onde a sua presença se assinalava e os seus méritos — porque os tinha — se destacavam.

Como nos sentimos revoltados perante a brutalidade do Destino!

Mas nada podendo fazer para arrancar á Morte a prêsa de que injustamente se apoderou, limitâmo-nos a regar com as mais sentidas lágrimas de saúdade a campa do desditoso amigo, do companheiro de tantas horas felizes, alegres, despreocupadas, e a acompanhar no desgôsto sofrido sua veneranda Mãe, D. Ludovina Gamelas e Costa; sua dedicadíssima e estremosa esposa, D. Violeta Vieira da Costa; todos os seus filhos; sua velha tia, D. Rosa Gamelas; suas irmãs, D. Anunciação Gamelas e D. Maria das Dôres Freire, esta esposa do sr. José Moreira Freire e toda a demais família visto, não encontrarmos palavras que sirvam de lenitivo á sua grande dôr.

Efemérides

1 de Outubro

1791—Abertura da Assembleia Legislativa Francesa.

1828—Inaugura-se a Universidade de Londres, fundada por iniciativa particular.

1879 — Começa a pubiicar-se na capital um novo diário com o título *O Suplemento*.

1886—Publica-se em Lisboa o 1.º número da *Biblioteca de Propaganda Democrática*, da qual saíram quatro volumes, dirigida por Consiglieri Pedroso.

1909—As pensionistas do convento do Bom Pastor, de Lens (França), amotinam-se contra as religiosas.

Mudança da hora

==

Logo, á meia noite, ou 0 horas, como modernamente se diz, devem os relógios ser atrazados 60 minutos, isto em conformidade com o decreto que há seis meses os mandou adiantar.

Não se esqueçam, pois, aqueles que, a-pesar-do seu desprendimento, gostam de saber ás quantas andam...

Avenida Araujo e Silva

=o=

Apróxima-se o inverno e aquela arteria que da Fonte do Amôres vém têr ao Jardim sem ser devidamente reparada!

Já ha muito que vimos reclamando o seu concerto para interesse dos moradores e da gente que por ali passa, mas a Câmara tem feito ouvidos de mercador e ainda se não resolveu a atender-nos.

Nós, porém, inssistimos. E como *agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura*, é possivel que aquilo um dia apareça transformado, quando menos se espere.

Sim. Porque dos milagres do sr. presidente da Câmara ninguém deve descrer...

IMPRENSA

«JORNAL DE CASCÁIS»

Com um número de 16 páginas, ilustrado e impresso a côres, festejou o seu 4.º aniversário o colega que vê a luz da publicidade na ridente praia, sendo um acérrimo defensor da Costa do Sol.

A Luís José Pires, que o dirige, e aos seus colaboradores, afectuosos cumprimentos.

Descoberta

—o—

A Montanha saíu-se com esta: que nós emudecemos!

Coitada! Está céga e falta de ouvido...

Não que seis anos de *sofrimento*, sem esperança de *melhores dias*, é muito...

Uma figura singular

Documentos interessantes

Achâmos, considerâmos, entendemos que, como refôrço a tudo quanto nêste jornal se tem publicano sôbre a vida e obras do *grande panfletário*, de há 25 anos a esta parte, não vem fóra de propósito o que pela pena do sr. dr. António Homem de Melo (*Lusos*), redactor principal da *Soberania do Povo*, de Agueda, ali se diz com o título e sub-título da epígrafe e para o que chamâmos a atenção dos nossos leitôres.

O *grande panfletário* — hão-de convencer-se — nunca passou dum intrujão, dum venal, dum maldizente. Pertence ao número dos que julgam que, para subir, é preciso dar cabo de tudo que represente moral, virtude, educação, honradês, bondade. E de aí o que se tem visto desenrolar á sua volta, cabendo a êste jornal a glória de só ter dito a verdade quando um dia lhe saíu á frente para castigar os seus excessos, os seus desmandos, a vilania dos seus ataques aos republicanos.

Loucura? Não. Maldade, velhacaria e, se quizerem, uma grande dóse de despeito que é o que atormenta todos os vaidosos, tornando-os irrasciveis, intolerantes e até—quantas vezes?—grotescos.

Mas vamos ao artigo de *Lusos*. Leiam com atenção:

Alguém me dizia há dias, em carta: — «Então com quê... um louco, o Cristo? Será louco, um louco moral, mas... perigoso.»

A minha opinião de que êle é louco já há muito, em conversa (com o dr. Querubim Guimarães, com o dr. Angelo Ribeiro, com o dr. Jaime Silva, com o conde de Agueda, etc.) por vezes a manifestei. E, se agora a manifesto em público, é porque... Mas o porquê será dito quando eu escrever as minhas últimas palavras sôbre o sr. H. C., — talvez no próximo número, porque a psicologia do sr. H. C., com as *peças* que junto hoje ao processo, fica feita.

Louco, sim. Mas louco perigoso, porquê? Perigoso o julgava o dr. Lourenço Peixinho... antes de lhe perder o mêdo. Mêdo á sua pena a torcer-se e retorcer-se nas epilépsias do ódio, escrevendo tudo quanto lhe fôsse á cabeça, á pobre cabeça do sr. Homem Cristo, ao chegar-lhe a onda.

Chega-lhe a onda, mas a verdade sabida e incontestável é que a sua nomeada, conquistada a dar dentada raivosa a tôrto e a direito, acabou por ser o açamo que o impede de ferir quem quer que seja.

E agora juntarei três

PEÇAS DO PROCESSO

que há dois ou três dias me enviaram, duas das quais, as duas primeiras, eu desconhecia e que são curiosíssimas e concludentes, como vão vêr.

A primeira foi extraida do *Povo de Aveiro*, n.º 126, de 9 de Fevereiro de 1919 (estava o Conde de Agueda expatriado, eu no Pôrto e a Monarquia do Norte já na agonía, o que ninguém ignorava).

Ei-la, a peça n.º 1:

O Conde de Águeda

«Bem diziamos nós a êste **farçante** *que o seu reinado findára para sempre. E êle ria-se o farçante. Ria-se com um cavalheiro cá da terra*, para quem nos enganávamos sempre. *O vidente! Genial vidente! Quem se enganava éramos nós. Ele acertava invariàvelmente.*

. . . .

Onde estará o célebre conde de Águeda e seu ilustre mano tartamudo? Esses liquidaram, a-pesar-do apoio que ainda lhe há-de querer prestar o seu aliado pateta Lima Duque.

Mas nada o salva, Conde de Águeda. Convença-se disso. Você é um homem morto. Você é um nulo e um tipo. Você é **um dos parasitas mais imundos e**

mais nocivos *que nos legou a monarquia.*

Demais viveu você, miserável. *Mais vale tarde do que nunca — soou enfim para você a hora do destino. Eu bem lhe dizia. Não acreditou. Fez mal. A experiência já lhe devia ter demonstrado que sáem sempre certas as minhas profecias.*

Mariola! *Sob a capa de pobre diabo é um dos* **malandretes mais insígnes** *do distrito. E do país! Não fica a dever nada ao mano tartamudo. Arcades ambo,* **os patifes!»**

Comente o leitor. Eu já disse: é um louco.

Tartamudo quer êle que seja eu, que, louvado Deus, nunca fui gago.

PEÇA N.º 2

Esta é ainda mais notável e definidora. Foi produzida no *P. de Aveiro*, n.º 127, de 26 de Fevereiro do referido ano de 1919, isto é, três dias depois da queda da Monarquia do Norte.

Ei-la, para o leitor saborear e comentar:

Conde de Águeda

«Onde pára êste bandido? E' preciso que nem os ossos lhe fiquem a êsse miserável. *Onde está êle? E' preciso que* **nunca mais volte a Agueda, nem vivo, nem morto.** *Sob a capa de pobre diabo é* **um dos maiores patifes** *desta terra. Já dissémos no número passado. Mas há coisas que não se dizem uma vez só. E' preciso dizê-las a toda a hora. Esta é uma delas. Nem vivo nem morto êsse bandido deve voltar a Agueda. Nem êle nem o mano tartamudo.* Aproveite-se esta ocasião para livrar definitivamente o distrito de Aveiro de tais **sicários.** *Dêsses* **parasitas,** *dêsses* **crapulosos,** *dêsses nulos, que tiveram a audácia, sem merecimento nenhum, de considerar o país seu feudo, pondo e dispondo e explorando como senhores da Idade Média.*

Arre canalhas, *que é tempo de os pôr á margem.* **Canalhas!** *O que vale é que a hora da justiça chega sempre, cêdo ou tarde.»*

Que diz a isto o leitor? Eu digo que êle é — louco.

Em 5 de Março seguinte, sou eu metido na cadeia da minha terra, instauram-me, a mim e a meu irmão, um odioso processo de perseguição e o sr. Homem Cristo foi, a convite da política jacobina de Agueda, nêle depôr como testemunha acusadora...

Mas que louco! O que o sr. Homem Cristo diz, quando lhe chega a onda! «E' preciso que nem os ossos lhe fiquem a êsse miserável!»...

E' ou não é um louco?

* * *

Quási dois anos passados, passou-lhe a onda e Homem Cristo Filho foi a Aguieira e a Agueda, com uma carta credencial do pai, pedir aos bandidos, aos sicários, aos miseráveis, apoio para a organisação de um ministério *extra-partidário*, ou *nacional*, presidido pelo sr. Homem Cristo louco!

Essa ideia de um govêrno presidido por um republicano (?), que conspirára para a restauração da monarquia, que atirára afrontas a quási todo o mundo republicano, que molhára a pena em fél para escrever contra quási toda a grei republicana e que era odiado e despresado por quási todos os republicanos, não será uma das mais concludentes provas da inconsciência e da loucura do sr. Homem Cristo?

E creio que foi por êsse tempo que êle disse que ainda haviam de ir buscá-lo num andor... — Um louco.

Ora agora extasíe-se o leitor perante a última peça, que apareceu (cêrca de dois anos depois de produzidas as peças n.ºs 1 e 2) no *Povo de Aveiro*, de 3 de Julho de 1921. Ei-la:

PEÇA N.º 3

sob a epígrafe:

Faça-se-lhe a vontade

«Um abelhudo, a propósito dumas palavras de justiça, que escrevemos aqui sôbre o Conde de Agueda, aliás censurando-o ao mesmo tempo, pede maliciosamente um elogio ao sr. António Homem de Melo. Com todo o gôsto. Vamos fazer-lhe a vontade. Já nos ia esquecendo esta reparação justa e necessária. Fez bem lembrar. Essa reparação justa e necessária a um homem a quem nos ligavam velhas e afectuosas relações de amisade.

Meu caro abelhudo: olhe que nos fez um favor. Se quer alvíçaras tem direito a elas. Venha-as cá buscar.»

. . . .

Refere-se em seguida ao artigo a que já aludi e que escrevi quando êle foi amnistiado, artigo que então lhe conveio considerar agressivo para a sua pessoa.

Depois de dizer que foi aos ares com êsse meu artigo, escreve as seguintes curiosas palavras de explicação, que são o seu auto-retrato e a confirmação do que eu venho afirmando: é um louco,

"E quando eu vou aos ares chego á terra, no regresso, transformado no diabo. No intermúndio planetário nem me vejo. Mas na terra, ao poisar, ai pai do céu!... Foi Troia. Trovejei. E despedi da mão meia dúzia de raios. E se um homem, quando despede uma pedra, não sabe nunca se ela vai abrir a cabeça dum simples mortal, que fará quando despede um raio!

Fui excessivo. Pudéra! Fui injusto. Mas... só dei por isso depois da tempestade haver passado. E tanto mais injusto quanto era certo que as palavras do sr. dr. António Homem de Melo não continham as insinuações de que eu suspeitára. **O que valeu foi o sr. dr. António Homem de Melo ser um homem inteligente e conhecer-me de longa data, dando desconto aos meus ímpetos arrebatados.** *Sabendo que da minha parte é um feitio, e que não sou homem de ódios, não quiz de seu lado odiar-me! E pronto, caro abelhudo. Findou a história."*

Quando poisa na terra transforma-se no diabo... despede raios... E é preciso dar desconto aos seus ímpetos arrebatados... E não é homem de ódios...

E' ou não é louco?

Escusado será dizer que não transcrevi na *Soberania* aquelas palavras explicativas do sr. H. C., de que o leitor se está a rir, dizendo ao mesmo tempo de si para si: realmente é um louco!

— —

P. S. — Segunda-feira. Chega me hoje o *P. de Aveiro*. Acabo de passar por êle os olhos. Póde dizer-se que só o artigo de fundo não se refere ao «Nobre Conde» e ao mano tartamudo. E' ou não é louco o sr Homem Cristo?

No artigo (cêrca de 4 colunas, tipo miúdo) sob a epígrafe O nosso tartamudo encontrei esta

PEÇA COMPLEMENTAR

que me apresso a apensar ao processo:

«Quanto ao *gajo*...» (Eu havia dito no meu artigo que o sr. H. C. chamára no *P. de Aveiro*, *gajo*, é que me apressei a transcrever o dôce epíteto, para que o Conde de Agueda ficasse ciente...)

E cá vai a peça:

"Quanto ao gajo, *você não se póde queixar porque foi você que me ensinou naquêle dia em que, diante de mim, chamou ao mano, em Paris, quando o foi buscar para o levar dali para Salamanca,* miserável, infame, *e coisas mais, concluindo que êle era* a vergonha da família.

Negue, se é capaz. Capaz, é. Mas há-de conter-se, sabendo que eu, então, recorro ao arquivo. *Negue, e eu direi tudo, incluindo o motivo que o levou, a você, a tratar assim, tão duramente,* o menino.

Então você, Tartamudo, podia chamar ao menino *miserável, infame, podia dizer que êle era* a vergonha da família, *e eu não lhe posso chamar* gajo, *simplesmente? Oh, famosa hipocrisia!"*

E' ou não é louco? Toda a gente, ao lêr aquilo, verá que o sr. Homem Cristo — *inventou.* Toda a gente vê que, ainda que se desse qualquer incidente entre dois irmãos, cuja dedicada amizade recíproca pede meças á que se dediquem os irmãos mais unidos do mundo, e do qual, como amigo, houvesse sido testemunha, não tinha o direito de, a propósito, haver dito que êle chamára, no seu jornal, *gajo* ao conde de Agueda, ir contar nêsse jornal tal incidente. Um louco. Inventou com a mesma coragem com que inventou que o falecido dr. Reis Torgal, que nada tinha com a conspiração monárquica de Mondariz, onde estava como simples mirone, escrevera para Paris uma carta agressiva ao Conde de Agueda.

Bem dizia o dr. Lourenço Peixinho...

Um louco. A coragem que tem para inventar faltou-lhe quando lhe chamaram *capitão cobarde*; ficou com a sua espada de oficial do Exército na baínha, a-pesar-de o Conde de Agueda o aconselhar a que se batesse. *Você tinha razão* — disse-lhe êle, depois, quando viu a situação — que, como militar, se criou e.. quando já não podia correr o risco do duelo. A coragem, que tem para inventar, faltou lhe para tomar parte na incursão de Vinhais, fugindo para Tuy, onde o Conde de Agueda o foi encontrar, em outubro de 1911.

E a propósito: preguntam-me quem foi a alta personalidade que o Conde de Agueda acompanhou á Galisa naquêle mês e ano, e lembram-me que o facto de eu dizer que dessa personagem ficou muito agradado o sr. H. C. póde porventura fazer nascer no espírito dos leitores quaisquer suspeitas injustas a respeito do mesmo sr. H. C.

Direi então:

A alta personalidade era o Infante Senhor D. Afonso. **O sr. H. Cristo ficou muito agradado do Senhor Infante, porque dêle, e por intermédio do Conde de Agueda, recebeu 200 pesetas, dádiva efectuada a pedido de meu irmão.**

E aqui está o tal **honrado republicano** que recebia ás 200 pesetas do Infante D. Afonso a pedido do sr. Conde de Agueda!!!

Admiras-te, leitor? Também nós, porque de tanto não sabiamos...

Mas aguardêmos o resto, visto a promessa do sr. dr. António Homem de Melo.

Liceu de José Estêvão

=o=

A abertura solene das aulas realisar-se-há no próximo dia 6, pelas 15 horas.

São por êste meio convidados os pais e encarregados da educação dos alunos a assistir a êsse acto.

Aveiro, 1 de outubro de 1932.

O reitor,

JOÃO JOAQUIM PIRES

Em prol do distrito

=o=

Recebemos uma cópia da representação que a Junta Geral enviou aos srs. presidente do ministério e ministro do Interior sobre a divisão administrativa de que trata o capitulo VI do projecto da nova Constituição da República, não lhe podendo dar publicidade nêste númeso por absoluta carência de espaço.

Irá no próximo.

Ministro das Finanças

—o—

Está de luto pela morte de seu venerando pai, ocorrida quarta-feira em Santa Comba Dão, o sr. dr. Oliveira Salazar.

O velhinho contava perto de 95 anos, gosando da estima e da consideração de todo o povo, da terra e circunvisinhanças.

O *Democrata* apresenta os seus pêsames ao eminente homem de Estado a quem o triste desenlace faz sangrar o coração.

Da Terra Nova

=o=

Entraram esta semana a nossa barra os lugres *Navegante* e *Orion* com abundante pesca de bacalhau, esperando-se o *Vaz*, que já se acha no Pôrto.

Vinho novo

=o=

Tendo-se entrado na época das vindimas, notam os lavradores que a produção do vinho é muito inferior á do ano passado não obstante as chuvas terem contribuido imenso para o desenvolvimento da uva.

O *Diário do Governo* publicou um decreto em que proíbe a venda de vinho novo antes de 30 de novembro.

Aviso aos devotos de S. Martinho....

Grandiosas festas em Aveiro

por ocasião da visita do sr. Presidente da República e ministros

PROGRAMA

DIA 15, SÁBADO

A's 14, chegada do comboio presidencial á estação em cuja *gare*, ornamentada, o sr. general Carmona será aguardado pelas autoridades civis e militares e comissão central dos festejos, recebendo ali os primeiros cumprimentos.

Três bandas de música executarão o hino nacional e no ar estralejarão muitas girandolas de foguêtes, anunciando á cidade a chegada dos ilustres visitantes.

A seguir organisar-se-ha o cortejo até aos Paços do Concelho onde serão dadas as bôas-vindas. Após a recepção tem lugar a inauguração do ramal do Vale do Vouga destinado ao transporte dos materiais para as obras da barra, seguindo-se outra inauguração, no Museu, das duas novas salas ultimamente construidas e destinadas aos quadros de maior valôr artistico ali existentes e passeio a alguns pontos mais interessantes da cidade.

A's 20 horas, banquête no Teatro Aveirense, que se apresentará devidamente ornamentado. A' passagem do sr. Presidente da República na rua de Entre-Pontes acender-se-hão as iluminações das ruas bem como a da Ria, cuja efeito se espera seja deslumbrante. Bandas de música romperão a tocar em corêtos levantados na Praça do Comércio, Largo do Rossio, Rua 5 de Outubro e Praça da República, devendo o sr. General Carmona e comitiva assistirem á queima do fogo de-artificio, do ar e aqüático, dum pavilhão erguido na linguêta do cais em frente á Rua das Barcas. O fogo começará a ser queimado ás 21 horas e durará, pelo menos, duas, se não fôr mais.

DIA 16, DOMINGO

A's 11 horas, partida do sr. Presidente da República e ministros para a Vista-Alegre, sendo, quando á passagem por Ilhavo, saudado pela Câmara do concelho e habitantes da vila, que o aguardarão no Alto da Bandeira.

Na Vista-Alegre efertuar-se-ha a visita á fábrica de porcelana, que estará a funcionar, tendo depois logar um almoço intimo oferecido pela direcção da Fábrica no seu palacête.

A's 13 horas partida para a Barra afim de serem inauguradas oficialments as obras do porto. No regresso formar-se ha um cortejo fluvial em que tomarão parte muitas dezenas de barcos embandeirados e que, ao entrar na cidade, será festivamente recebido.

A's 20 horas, partida do sr. Presidente da República para Lisbôa, sendo acompanhado por uma marcha luminosa e o trajecto feito pela Avenida Central.

As companhias dos Caminhos de Ferro Portuguêses e do Vale do Vouga organisarão comboios especiais depois do fogo de sábado o que é da maior vantagem para aqueles que quizeram ir ficar a suas casas.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem anos: ámanhã, a sr.ª D. Isabel Mateus Ferreira Wenceslau, esposa do nosso amigo Francisco António Wenceslau, aspirante a oficial de cavalaria 8 e a gentil Dilia Ferreira da Fonseca, filha do sr. António Ferreira da Fonseca; no dia 3, a Estelinha Fernandes, filha do sr. Firmino Fernandes; em 4, o sr. Manes Nogueira Júnior; em 5, as sr.as D. Maria Lucia da Rocha, D. Maria José Soares Magano, esposa do sr. dr. Fernando Magano, assistente da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e D. Clotilde F. de Sousa, digna professora oficial; o sr. brigadeiro João de Almeida e os meninos Alberto e Paulo, filhos respectivamente dos srs. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão e Manuel Maria Moreira, activo comerciante local, e em 6, a sr.ª D. Eduarda P. Osório Flamengo, esposa do sr. João Luís Flamengo e o sr. Luís de Almeida, residente em Lisboa.

Casamentos

Na igreja de S. Domingos teve logar no ultimo sabado o enlace matrimonial da sr.ª D. Urbilia Casimiro Souto Ratola, digna professora oficial, filha do sr. Pompilio Souto Ratola, com o sr. Fernando Lucindo Ferreira do Amaral, furriel de infantaria 19.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios a sr.ª D. Armanda Souto Moura, residente em Braga e o nosso amigo António Souto Ratola e pelo noivo a sr.ª D. Belmira de Aguiar Marques Oudinot e seu marido o sr. tenente José Reinaldo Oudinot.

Finda a cerimónia foi servido aos convidados, em casa do pai da noiva, um delicado copo de água *que deu ensejo a vários brindes entre os quais se destacou o do sr. dr. Alberto Souto, que num belo improviso, se espraiou em considerações sobre a vida conjugal.*

Aos noivos, que partiram em viagem de nupcias para o sul e a quem foram oferecidas muitas prendas, desejamos uma interminavel lua de mel.

Gente nova

Com muita felicidade, deu á luz, na terça-feira, uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Marília da Canceição Maia Neto de Sousa, esposa do sr. Reinaldo Neto de Sousa, contador na comarca de Valpaços.

Foi registada no dia seguinte com o nome de Honorina Carmen, tendo servido de padrinhos o sr. Manuel Cação Gaspar e esposa.

Partidas e chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. José Rabumba (o Aveiro) residente em Matosinhos; José Martins Pires, digno professor oficial em Anadia e Amadeu Rodrigues da Paula, viajante duma drogaria do Porto.

— Retirou para Lisboa, onde reside, o nosso assinante sr. Manuel da Costa Ferraz.

— Da capital já aqui chegou o nosso amigo sr. Manuel T. Pereira Moita, digno professor em Estarreja.

— Tivemos ontem o grato prazer de abraçar nesta cidade, onde ainda se demorará alguns dias, o nosso velho e presado amigo, dr. Manuel Vieira de Carvalho, considerado médico em Setubal.

Romarias

—o—

Não obstante o tempo apresentar-se de má catadura, a concorrencia ás festas da Senhora da Saude, na Costa Nova, e Senhor dos Navegantes, na praia da Barra, foi grande, tendo os automoveis e as camionetes andado numa róda viva.

Não se registou qualquer desastre o que só depõe a favor dos nossos motoristas.

Além túmulo

CARLOS JÚLIO

Passa hoje o 1.º aniversário da morte do meu querido filho Carlos Júlio, que apenas contava 27 anos de idade! Foi bem curta a sua passagem pela vida, mas a bondade do seu coração, que outro maior não conheci, e outros predicados naturais, fizeram dêle um rapaz bem diferente dos camaradas do seu tempo!

A sua figura quixotesca, no pouco tempo que usou um pequeno bigode, e já minado pela doença, fazia lembrar os quadros dêsse extraordinário pintor de todos os tempos, conhecido por El Greco.

Nêste jornal, onde êle por vezes colaborou, foram enaltecidas as suas qualidades morais, mas ninguem pôz em destaque os serviços por êle prestados á causa da educação física que, conjuntamente com seus irmãos, fez renascer em Aveiro e em Anadia, onde fundou o actual Sport Club, *que ultimamente tanto se tem evidenciado nos torneios atléticos.*

Fez parte do 1.º team *de* Rugby do Sporting Club de Portugal *e foi entusiasta cultor do remo, da natação e sobretudo do tiro de caça, em cujo sport, aos 24 anos, foi considerado como uma das primeiras espingardas do distrito.*

Foi, sem dúvida, na caça da narceja, um eximio atirador, não tendo quem o excedesse.

Serviu a Pátria como soldado e como funcionário público, e, em qualquer daqueles postos, soube honrar o seu nome e o da sua familia.

Formoso caracter! Grande coração! Tão grande que só por êle viveu os ultimos dias da sua vida!

Les morts vont vite! *Só tu me não esqueces, querido filho, querido morto!*

M. D.

Transferência

—o—

Tendo sido transferido desta cidade para Santarém o sr. Francisco Pinto dos Reis, tesoureiro da Fazenda Pública, deixa em breve a nossa terra aquele funcionário, que durante o pouco tempo que aqui permaneceu só conquistou simpatias.

Acompanha-o, além da sua família, o nosso conterraneo sr. Herminio Lima, proposto da mesma tesouraria.

Os muros

— —

Dentro da cidade, existem, já há muito, alguns muros que precisavam ser arranjados e retocados convenientemente de maneira a não dar a impressão, a quem nos visita, de que Aveiro é qualquer aldeia onde tudo anda á matroca.

A' Camara compéte, pois, não descurar êste assunto que, parecendo que não, têm muita importância.

Sindicato da Imprensa Portuguesa

Em reunião conjunta da Meza da Assembleia Geral, Directório e Conselho Fiscal, foi resolvido fazer a convocação da Assembleia Geral extraordinária para os próximos dias 10 e 17 do mês do Outubro, pelas 20,30 horas, no Largo do Intendente, 35-1.º, em primeira e segunda convocação, com a seguinte ordem de trabalhos:

Ratificação dos Estatutos e eleição de cargos vagos

O Directório também tratou, junto do sr. ministro do Interior, do levantamento da suspenção, imposta por ordem superior, ao jornal ***O Imparcial*****, de Pombal.**

Uma carta

— —

Do sr. Duarte Vidal, de Vagos recebemos uma carta ácerca do caso Ribeiro de Carvalho, que, devendo ser acompanhada da resposta, não é possivel hoje inserir por já não termos espaço.

Pedindo desculpa ao sr. Duarte Vidal, falaremos para a semana que vém.

Crónica da Barra

Festa minhota

A Barra carnavalisou-se, disfarçada com vestes minhotas.

De todos os lados, cantando, afluem ranchos de curiosos aspectos, com harmónios e gaitas-de-fóles, cadenciando a toada.

Das povoações em redondeza — Aveiro, Costa Nova, etc.—rapazes, em grupinhos de malta, abraçados na cintura por largas *faixas rubras, mangas de camisa* e varapaus em riste, chegavam alegres.

Ali, na Assembleia, é o arraial: um *arraial* de madeira, muito bem arranjadinho, caiado todos os anos, uma fotografia num barrote e precipícios no soalho.

Tudo muito verde, as grinaldas de bandeirinhas lançavam-se em curvas imensas, nasciam dum centro emaranhado de fôlhas seleccionadas.

Pendentes das paredes, rectângulos de papel pompeiam quadras ao desafio—o Marques Sardinha e a Maria Barbuda, irmãmente criando versos, seriam indícios de leve semelhança com o autor-poeta da *Farolândia*.

Com o meu espírito de observação e de... invenção, longe dêle as tréguas reconciliáveis, mas vagueei pelo *arraial*, despistando, e... nada.

Não há nada, nada, uma crise formidável daquêles dichotes em fórma de *alfinete*! Umas vezes tudo, é a crise da abundância, outras, como hoje... a não ser acolá, naquêle cantinho, duas crianças risonhas brincando aos namôros... ou o *amigo* do *Maçaneta*, disfarçado em campónio, mas sem disfarce.

Foi-nos presente um serviço saciável. Os dôces em castelos sôbre bandejas cinzeladas, eram demolidos sem-cerimónia.

É o *Jazz*, quando a festa ganhava proporções de arrebatamento, resolveu pregar-nos uma partidinha, e... ei-los a encamisar instrumentos — camisas de chita barata para o trombone de varas, para o saxofone, etc., mais uma camisa de dormir para o rabecão, etc., etc.—e é vê-los escada abaixo, *Manatinha* que fóge!

Há três grandes causas na minha vida que são objecto dos meus sucessos funestos, que me dominam totalmente e me reduzem ao ínfimo insignificante: não ser de indução electrostática sôbre corações de mulher; não encontrar notas de conto pelas algibeiras, assim como quem não quere a coisa e não possuír dotes na arte do pífaro.

Pouca sorte!

Senhor desta última qualidade, o baile prosseguiria sob o possesso das minhas notas *pifaramente* musicadas. E então, o sol acender-se-hia dando á luz uma manhã-criança, linda, doirada pelos seus raios madrugadores, com o primeiro chorar naquelas águas boníssimas do mar incomensurável, essa manhã nascia, assim robusta de belêsa — e a nossa festa viveria ainda... !

* * *

Em retirada, vindas do *arraial* em magotes de berrante associação de côres, perdidas no escuro da noite, a caminho das *choupanas* distantes, engraçadas minhotas namoriscavam ainda ou gorjeavam cantigas, que os rapazes de *faixa* seguiam num acompanhamento tangido em violas dissonantes.

Ao longe, as luzinhas dos balões *tremiam... tremiam... e caiam silenciosas.*

NOTÍCIAS VÁRIAS

13 — Esta manhã, quando eram procurados na Assembleia os *ossos* de domingo, causou consternação geral o facto de os haverem subtraído fraudulentamente.

Todas as pesquisas têm resultado inúteis. A polícia inquiriu já — embora se desconheçam em absoluto os autores de tão execrável atentado — que os chefes da quadrilha são o H. e o O.

Consta que os *ossos*, ali no Mário, tiveram um entêrro dos mais bonitinhos...

15—Pelas 16 horas de hoje, o *Fala* e a M. R. ao tentarem traspassar a Ponte do Forfe, esta, que não foi reforçada de escoras para tão arriscada prova, abateu com tão consideráveis pêsos. Os arrojados *valeotes* fôram salvos a elevador.

20 — Grassa entre os banhistas um exaltado interêsse em desmascarar o incógnito autor das crónicas do *Democrata*.

Nós sômos condescendentes.

Tal qual nosso pai nos pintou, eis-nos o *Magalhafães* inteirinho! Eu, *Magalhafães, dandy* da Assembleia!

22 — Foi salvo por aquêles olhos dum azul sujo o C. da rabeca, quando se submergia numas ondas *Marcel*.

A M. S., com a cabeça... *ás ondas!* — é mais interessante.

Afoga-se agora o menino L., com cabelo brunido a *banha*.

— O Farol tem lido as nossas crónicas. Diz não serem completas. Prometeu-nos, no entanto, uma entrevista para o próximo ano.

Lá iremos.

25—A Festa de ontem, na Assembleia, foi chave de ouro que encerrou, por êste ano, o *dancing* da praia.

O *José* diz-nos que a ornamentação era bastante *lamecha*! Pareceu-lhe *shocking* tudo aquilo.

Este *José* não toma cocaína, mas vive superior, pisa algodão-em-rama. E' o *José* das marquesas!...

Em tudo esta festa se assemelhou ao chá-dansante: as mesmas mêsas, vinho e dôces, aquela intimidade acolhedora, um ambiente familiar — muitas famílias numa só família!

EM RETIRADA

30 — Adormecia pacífica a tarde indolente. O marisco exalava o seu perfume marinho na atmosféra esfriada. A bonança do mar trazia-nos á barra barquinhos ligeiros, de remos possantes. O sol, apagando-se, marcava a fôgo o sepulcro distante, no infinito!

Pesava em tudo a quietude insípida de fim de festa.

Carros de bois gemiam sob o pêso das mobílias e duns envólucros enormes que são trouxas de roupas em debandada.

— Carros de bois... mobílias... trouxas... lágrimas de despedida... lencinhos a acenar um adeus pungente... tudo fóge... tudo se oculta na distância... tudo me passeia a alma com a impassibilidade dos *picadeiros*!

Agora... *rien de tout*.

* * *

Fabrica Aleluia, de Aveiro

—x—

Voltou a ocupar-se dêste estabelecimento local o nosso colega *O Despertar*, de Coímbra, que lhe dedica os seguintes periodos:

Tivemos há dias o prazer de visitar a elegante capela que o sr. dr. Angelo da Fonseca mandou construir junto do seu palacete da Estrela e temos de confessar que tal visita nos deixou verdadeiramente maravilhados ante os soberbos *panneaux* de azulejo que adornam essa capelinha, tão parecida com um mimoso *Livro de Horas* pelas iluminuras que a enriquecem e dentro da qual se respira uma atmosfera do mais inebriante prazer aliado á mais profunda emoção religiosa!

Os referidos *panneaux*, onde no mais fino recorte de linhas se representa a vida do Patriárca S. Francisco, constituem um eloquente testemunho do alto valor artístico que de há muito recomendam a Fábrica Aleluia, de Aveiro, como uma das melhores do nosso país, produzindo nas suas conceituadas oficinas trabalhos de tal valor que muito honram não só a indústria nacional, mas até se sobrepõem áqueles que, no género, se fabricam no estrangeiro.

Devido, pois, á justa fama que aureola o nome da referida fábrica, muitos são já os trabalhos de cerâmica que se admiram na nossa terra, tendo todos êles merecido da Imprensa local os mais rasgados elogios pela perfeição artística que os recomendam.

Folgando imenso com o progresso da Fábrica Aleluia, de Aveiro, muito sinceramente felicitamos também os seus proprietários pelo trabalho a que nos referimos, em tudo digno da fama que destingue os ceramistas aveirenses e entre os quais contamos amigos que muito prezamos.

Pelo seu esfôrço e competencia se fez ressurgir uma indústria que teve o seu melhor apogeu nos séculos XVII e XVIII e que hoje, após alguns anos de manifesta decadencia, voltou a gozar do prestígio que então disfrutava em todo o país.

E á Fábrica Aleluia, de Aveiro, muito principalmente, cabe a honra de ter levantado essa indústria, abrindo-lhe novos horizontes para o seu progresso e aperfeiçoameto.

Marinheiro afogado

—x—

Na Torreira foi vitima dum desastre na ria, em que perdeu a vida, o marinheiro n.º 688, Joaquim Pereira, de 40 anos, natural da freguesia de Santa Maria, concelho de Torres Vedras.

Deixa viuva e tres filhos menores, residentas em Lisboa.

O seu cadaver veio para Aveiro, onde foi sepultado na quinta-feira.

Correspondencias

Esgueira, 25 de setembro

A Junta de Freguesia, muito acertadamente mandou reparar a fonte da Ribeira, o que era de grande necessidade.

—Há dias, tentou praticar um crime grave na pessoa duma menor de 8 anos, um individuo daqui, que já se encontra preso.

—No dia 22 passou o aniversário do sr. José da Silva Castro e de sua gentil irmã a menina Cezerina.

—Para a praia da Costa Nova seguiram o sr. João Lopes de Almeida, familia e a sr.ª D. Maria de Almeida Abreu e para Lisboa com suas esposas os srs. António Henriques e Luciano de Oliveira.

—No domingo ultimo o *Recreio Musical* ofereceu um baile aos seus associados, que decorreu animado.

C.

Costa do Valado, 29

Depois da recolha do S. Miguel, as vindimas.

Anda tudo numa roda viva, tudo absorvido, de manhã á noite, com o trabalho, não havendo um momento de descanço.

A vida do campo é assim.

—Retiraram para Espinho, onde vão passar o mês de outubro, o sr. coronel Artur de Almeida d'Eça, sua esposa, filhos e netos que aqui estiveram a passar uma temporada em casa de sua sobrinha a sr.ª D. Maria das Dôres Biaia.

—Também para a Povoa do Varzim seguiu a sr.ª Doutora Maria Alice de Almeida de Eça, digna professora da Escola Comercial Rocha Peixoto, que se fez acompanhar de sua familia.

—No ultimo domingo deliciou a assistencia, cantando durante a missa conventual na capela de S. Tomé, a sr.ª D. Maria Beatriz de Almeida Eça, que aqui esteve com seu pai o coronel sr. Artur de Almeida de Eça.

—Tem chuvido com abundancia o que foi magnifico para as uvas.

C.

Vêr a 4.ª pàgina

Necrologia

Aos estragos duma meningite tuberculosa finou-se na noite de quarta feira, em plena mocidade —24 anos— o sr. José da Silva Perpetua, que há muito se sentia adoentado.

O inditoso moço era irmão do industrial sr. Luis da Silva Perpetua a quem apresentamos, bem como a toda a família enlutada, as nossas condolências.

Agradecimento

JOSÈ MARIA NUNES BRANCO, por intermédio dêste jornal, vem agradecer publicamente aos bombeiros, polícia e a todas as pessoas que cooperaram na extinção do incendio que se manifestou na sua residencia, na madrugada do dia 28, patenteando a todos o seu maior reconhecimento.

Aveiro, 24 de Setembro de 1932.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Junta Autónoma de Estradas

Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 17 de Outubro de 1932, pelas 14 horas, na Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, perante a comissão para êsse fim nomeada nos têrmos das leis e regulamentos em vigor, se procederá ao concurso público para a arrematação do fornecimento de um chassis de caminheta para carga util de 1.500 quilos.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos ou suas delegações, o depósito provisório de 750$00 mediante guia passada na Secretaria da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro, todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, até á véspera do concurso.

O depósito definitivo será de 5 % do preço da adjudicação.

O programa do concurso, caderno de encargos, medições e orçamentos estão patentes todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, na Secretaria da Direcção de Estradas do Distrito de Aveiro.

Aveiro, 13 de Setembro de 1932.

O Engenheiro Director,

Manuel Moniz de Freitas

Câmara Municipal de Aveiro

=o=

Anúncio

Venda de materiais e demolição

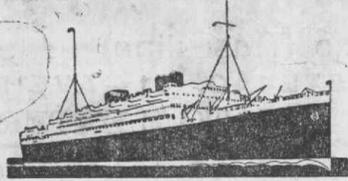
A Câmara Municipal de Aveiro recebe propostas em carta fechada até ás 14 horas do dia 13 de Outubro próximo, para a demolição com aproveitamento de todos os materiais, do prédio da Rua Entre-Pontes que foi pertença da Ex.ma Sr.ª Graziela Maria de Vilhena e Souza Huet.

As condições de arrematação e encargos bem como a visita ao prédio, serão facultados aos interessados, todos os dias úteis, das 11 ás 17 horas, na Repartição de Obras dêste Municipio.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 23 de Setembro de 1932.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Lourenço Simões Peixinho

MALA REAL INGLEZA

Paquete correio a saír de Leixões

DESNA-- Em 11 DE OUTUBRO Para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

Este paquete sai de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes

Alcantara- Em 11 DE OUTUBRO para Madeira, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo,e Buenos Ayres.

DESNA-- Em 12 DE OUTUBRO para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

Highland Patriot EM 19 DE OUTUBRO para Las Palmas, Santa Cruz de Teneriffe, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

ARLANZA - Em 25 DE OUTUBRO para S. Vicente (C. V.), Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

Highland Monarch EM 2 DE NOVEMBRO para Las Palmas, Santa Cruz de Teneriffe, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.º

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—PORTO

Ou aos seus correspondentes nas provincias.

TRÊS LIVROS VALIOSOS:

BOAVIDA PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ, bolchevista

Ensaio crítico, «o melhor de quantos têm sido realisados em língua portuguêsa àcêrca de E. de Q., que flagelava com a sua ironía os êrros de uma sociedade decrépita». — 1 volume, 10$00.

FLORÊNCIO

Narrativa verídica da ruína dum lar feliz, pela homosexualidade, romantisada patològicamente na prosa cuidada do erudito escritor *Ladislau Batalha*. — 1 volume 5$00.

MULHERES PERDIDAS

1 volume do preço de 8$00, no qual *Alfredo Gallis* primorosamente descreveu a prostituïção em Lisboa, e parte da Baixa de há trinta anos, e demonstrou o perigo que existe para os seductores de mulheres quando as abandonam em estado de gravidês, pelo casamento do protogonista com a própria filha!

Tése devèras interessante, visando o fim altamente moralisador dos costumes, da sua leitura sòmente resultará proveitoso ensinamento.

Livraria Central Avenida Almirante Reis, 14 A a 14 C — LISBOA, com BRINDES a todos os compradores.

PEÇAM CATÁLOGOS DESCRITIVOS

Farmacia Ribeiro

Costa do Valado

Aviamento de receituario, com produtos de primeira qualidade e o maximo escrupulo, a qualquer hora do dia ou da noite.

Especialidades farmaceuticas tanto nacionais como estrangeiras.

Prepara-se e garante-se o

Remedio contra a ictericia

de maravilhoso efeito.

Consultorio Médico

DO

DR. POMPEU CARDOSO

Doenças da bôca e dentes

Protese e cirurgia dentária

Ortodoncia

RUA DO CAES—AVEIRO

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia. Vidraça.

Depositarios de petroleo e gazolina SHELL

Rua Eça de Queiroz

AVEIRO

Novidade literária

LUÍS CEBOLA

Sonetos e Sonetilhos

1 vol. com o retrato do autor, br. 9$00 | HISTORIA DUM LOUCO, 1 vol...... 7$50

ALMAS DELIRANTES, 1 vol. ilustr.. 15$00 | PSIQUIATRIA SOCIAL, 1 vol. ilustr.. 12$50

Livraria Central Editora

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 14-A a 14-C

LISBOA

Pôrto

Rainha Santa

REGISTADO SOB O N.º 24.840

DA ANTIGA CASA:

Rodrigues Pinho

GAIA — (PORTO)

Á VENDA EM TODA A PARTE

Casa Saraiva

DE

Manuel João ranco

Construções de carros de bois, motores a vento estanca-rios de tirar agua, ventiladores para eiras e todos os artigos da arte de serralheria.

Quinta do Picado—Aveiro

A fechar

—

—Então eu recusei-me a emprestar-lhe o que me pediu no domingo passado e hoje volta a pedir-me novo emprestimo?

—Era só para saber se havia algum resentimento entre nós.

Fotografia Vouga

FOTOGRAFIAS EM TODOS OS FORMATOS

RETRATOS ARTÍSTICOS FEITOS Á LUZ ARTIFICIAL, O QUE HÁ DE MAIS BONITO NESTE GÉNERO. AMPLIAÇÕES.

Rua Manuel Firmino, 35

AVEIRO

Agendas

Chegaram do *Anuario Comercial*; Gonçalves, Para Todos, de Escritorio e Petit Agenda.

Calendarios grandes e pequenos.

SOUTO RATOLA—AVEIRO

Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa

⊕

Esta colectividade, de recente fundação, destina-se a agrupar os jornalistas de todas as publicações periódicas da pequena imprensa e imprensa regional dos portugueses no continente, ilhas, colónias e estrangeiro, em defêsa dos interêsses comuns dos seus associados e dos jornais que representam. E' completamente alheia a matéria política e religiosa.

⊕

SÉDE — Largo do Intendente, 35-1.º

LISBOA — PORTUGAL

Dr. Abilio Justiça e Dr. Cunha Vaz

MÉDICOS ESPECIALIZADOS DE DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas—Em Aveiro, todos os sábados, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 16,30 horas e em Coimbra, todos os dias, na rua Visconde da Luz, 8-2.º das 10,30 horas em diante.

Instalações electricas

De luz e campainhas, montamos aos mais baixos preços por pessoal competente.

Material electrico de primeira qualidade, artigos de luxo, candieiros de sala e de meza. Grande sortido de taças e opalinas, com franja, em todas as côres; ferros de engomar, aquecedores, fervedores, fogareiros, ventoinhas, radiadores e todos os utensilios electricos para uso domestico. Depositarios das lampadas OSRAM.

Gramofones, discos e agulhas DECCA, as melhores que ultimamente teem aparecido. Vendas a prestações mensais.

Ferreira, Pereira & C.ª

Rua Direita, 43

AVEIRO

Colegio de Nossa Senhora da Apresentação

(Para o sexo feminino)

Rua Santo António — Aveiro

Casa apropriada, com muita luz, muito ar, luz eléctrica, casa de banho canalizações de agua quente e fria. Alimentação abundante e sob direcção medica. Educação moral, de sociedade e de *ménage*. Cursos primários e secundários segundo os programas oficiais. Conversação francesa por professora francesa. Desenho, lavores, piano, flores, córte, chapeus, pintura a oleo, em veludo *frappé*, imitação de *vitraux*, relevo, judáica, *au pouchoir*, etc. Estanho, coiro, tarso, foto-miniatura, piro-gravura, piro-escultura, talha, pregaria, frutos de cêra, Crisálida, imitações de marfim, granito, marmore estatuário e outras. Ginástica.

Enviam-se programas a quem os requisitar

Fabrica da Fonte Nova

Fundada em 1882

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

LOUÇAS E AZULEJOS PANNEAUX,, DECORATIVOS

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

Aveiro

Azulejos

em pó de pedra

Fabrica Aleluia

Aveiro

ARTIGOS SANITARIOS, LOUÇAS DE SERVIÇO, PANNEAUX, ETC.